



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**RELATÓRIO FINAL
DE ESTÁGIO CURRICULAR**

DESIGN

Eduardo Cazon
Daniel Germer Rolim de Moura
14.901.082/0001-50

1.1 IDENTIFICAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

Nome: Eduardo Cazon

Matrícula: 15102266

Habilitação: Design

E-mail: ducazon0@gmail.com

Telefone: (48) 98446-0343

1.2 DADOS DO ESTÁGIO

Concedente: Daniel Germer Rolim de Moura

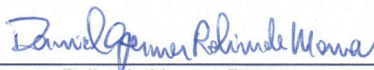
Período Previsto: 15/2/2019 a 15/7/2019

Período referente a este relatório: 15/2/2019 a 15/6/2019

Supervisor/Preceptor: Nelson Rolim de Moura

Jornada Semanal/Horário: 20 horas semanal / 4 horas diárias

Assinatura da concedente (ou representante):



Daniel Germer Rolim de Moura - Representante na CONCEDENTE

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO CURRICULAR

BLOCO 1

1.3 PROGRAMA DE ATIVIDADES

Objetivo do estágio: Desenvolver projetos gráficos para o meio editorial.

Objeto(s) do estágio: Livros.

Programa de atividades (PAE): Desenvolver projeto gráfico para livros e capas de livro; Criar projeto gráfico e diagramar material.

1.4 SITUAÇÃO ENCONTRADA

Resumo da situação da empresa em relação ao Design: A parte de design é essencial para a editora, tendo um setor dentro dela dedicado a produção dos livros. Trabalham nesse setor o editor geral, uma designer e um estagiário (vaga que ocupo).

O que foi abordado no estágio: Produção de projeto gráfico para miolo e capa de livros.

Atuação na área gráfica: Escolha de papéis para miolo; Escolha de acabamento para capa; Preparação de arquivos para impressão.

Atuação na área informatizada (mídias): Preparação de originais no Word; Criação de projeto gráfico, diagramação de miolo e produção da capa em InDesign; Tratamento de imagem no Photoshop; Ilustração para capa no Illustrator; Acompanhamento de projetos no Trello.

1.5 ESTRUTURA PARA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

Infra-estrutura física disponibilizada: O setor de produção dos livros conta com dois computadores, uma impressora a laser e material de escritório (papel, lápis, caneta, clips de papel, etc.). Além disso está disponível todo o acervo de livros da editora para consulta e algumas estante com livros de outras editoras, contando com livros sobre livros e livros sobre design.

A localização do Design na estrutura organizacional da empresa: Dentro do setor de produção dos livros.

O local, na estrutura organizacional da empresa, (diretoria, departamento, etc) onde foi realizado o estágio: Setor de produção dos livros

Data do início do estágio: 15/2/2019

Data de encerramento do estágio: 15/7/2019

Carga horária diária: 4 horas

Horário diário do estágio (entrada e saída): Segunda e quinta - 8:30 às 12:30; Terça, quarta e sexta - 13:30 às 17:30

1.6 ORIENTADOR DO ESTAGIÁRIO

Nome: Mary Vonni Meurer de Lima

Formação e cargo: Doutora em Design e Expressão Gráfica | Professora

Contatos (telefone/e-mail): mary.meurer@ufsc.br F. 3721 7948

A seguir uma cópia do TCE e do PAE referente ao estágio
(anexar na próxima página)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis

Fone +55 (48) 3721-9446 / (48) 3271-9296 | <http://portal.estagios.ufsc.br> | dip.prograd@contato.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATORIO - TCE Nº 2014683

O(A) **Daniel Germer Rolim de Moura**, CNPJ 14.901.082/0001-50, doravante denominado(a) **CONCEDENTE** representado(a) pelo(a) sr(a) **Daniel Germer Rolim de Moura**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Luciano Patrício Souza de Castro**, e o(a) estagiário(a) **Eduardo Cazon**, CPF 428.497.128-09, telefone (19) 3425-2822, e-mail ducazon0@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 15102266 no Curso de Design na forma da Lei nº 11.788/06, da Resolução 014/CUN/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- Art. 1º:** O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a **CONCEDENTE** e a **UFSC em 15/02/2019** e vinculado à disciplina **EGR7198- Estágio (360h/a)**.
- Art. 2º:** O(A) Prof.(a) **Mary Vonni Meürer de Lima**, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).
- Art. 3º:** A jornada semanal de atividades será de **20.00 horas (com no máximo 4.00 horas diárias)**, a ser desenvolvida na **CONCEDENTE**, no(a) **Setor de produção dos livros**, de **15/02/2019 a 15/07/2019**, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) **Nelson Rolim de Moura** (CPF 237.272.410-04).
- Art. 4º:** O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000997 da seguradora **Gente Seguradora S.A.** (CNPJ 90.180.605/0001-02).
- Art. 5º:** O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.
- Art. 6º:** O estagiário deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.
- Art. 7º:** O estágio poderá ser rescindido a qualquer tempo por meio de Termo de Rescisão, observado o recesso do qual trata o artigo 9º deste TCE.
- Art. 8º:** O(A) **CONCEDENTE** pagará mensalmente ao(a) estagiário(a): **Bolsa de R\$ 1200,00**.
- Art. 9º:** O(A) estagiário(a) tem direito a **12 dias de recesso remunerado**, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído durante a vigência do TCE ou pago em pecúnia ao estudante após sua rescisão.
- Art. 10º:** O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a **CONCEDENTE**, desde que observados os itens deste TCE.
- Art. 11º:** Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo, conduzir-se com ética profissional, respeitar as normas da **CONCEDENTE**, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
- Art. 12º:** As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em **5 vias de igual teor**.

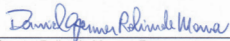
PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 2014683


Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Planejamento e execução de projeto gráfico para livros. Criação do projeto gráfico, diagramação do livro, produção da capa, preparação de arquivos para a gráfica, organização dos arquivos na editora.

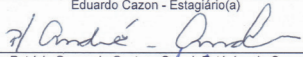
Local e Data:

Florianópolis, 18 de março de 2019.


Daniel Germer Rolim de Moura - Representante na CONCEDENTE


Mary Vonni Meürer de Lima - Prof.(a) Orientador(a)


Eduardo Cazon - Estagiário(a)


Luciano Patrício Souza de Castro - Coord. Estágios do Curso - UFSC


Nelson Rolim de Moura - Supervisor(a) no local de Estágio

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO CURRICULAR

BLOCO 2

2.1 QUADRO

Semana/Mês	Atividade desenvolvida
Fevereiro	Capa: Encontro de Abismos
Março	Capa: À beira; Mínimo Existencial, mínimo não imponível e limites imanescentes à tributação; Poesias e outros sentimentos; Trilhos de um médico na política; Entre duas Américas; Educação, Poder, Resistência e Subjetividade
Abril	Capa: O Estado autoritário e a pedagogia do silêncio; Musas seguidas de poemas filosóficos; Laguna e eu Capa e miolo: Antônio Nóbrega em paisagens (pós) armoriais
Maio	Capa: A mãe que me pari; Síntese de história da publicística Miolo e capa: Nossa poesia; Vidas irlandesas; Uma nova história velha
Junho	Miolo e capa: As mulheres da minha vida

2.2 APRESENTAÇÃO DE CADA AÇÃO

a) AÇÃO 1: Capa Encontro de abismo

Briefing: Redesign da capa da edição anterior para uma nova edição do livro.

Público-alvo: Estudantes de ensino fundamental e médio.



b) AÇÃO 2: Capa À beira

Briefing: Capa para livro de crônicas.

Público-alvo: Público em geral



Capa feita com trechos de crônica homônima ao livro e que remete a uma composição vertiginosa e aglomerada.

“Vertiginosas palavras mortas, rimas tortas. Confluência de sílabas que se aglomeram e se sufocam e se extinguem e se revoltam e dão em nada.”

Título à beira da capa fazendo referência ao título da obra.

c) **AÇÃO 3:** Capa Mínimo Existencial, mínimo não imponível e limites imanentes à tributação

Briefing: Capa para tese de mestrado em direito.

Público-alvo: Juristas que lidam com financeiro.



O estilo da capa foi determinado pelo autor, que solicitou a padronagem no fundo e a composição do título dessa forma.

d) AÇÃO 4: Capa Poesias e outros sentimentos

Briefing: Capa para um livro de poesias sentimentais ligadas ao campo.

Público-alvo: Público em geral.



Observações: O editor sugeriu que se utilizasse uma das fotos que o autor inseriu no miolo do livro na capa. Dentre as imagens disponíveis, essa foi a escolhida para a capa. Pensando que sua qualidade não era suficiente para cobrir toda a área, criei uma composição espelhando a imagem e fazendo uma paisagem imaginária.

e) **AÇÃO 5:** Capa e miolo Trilhos de um médico na política

Briefing: Capa e miolo de um livro sobre a trajetória de um médico na política.

Público-alvo: Público em geral.



A foto foi uma demanda do autor. Nela está ele e uma estação de trem muito característica da cidade referenciada no livro.

Trilhos de um médico na política

Antonio Aguiar



Prefácio	11
Apresentação	13
Família, a base	15
O início da caminhada	18
A fase de educador	21
Enfim estudante de medicina	24
Residência médica no Rio	27
O amigo e mestre Ivo Pintaguy	30
Reconhecimento por empenho	32
Encontro com Mané Garrincha	35
O líder de uma greve	36
O retorno a Canoinhas	39
A clínica, realização de um sonho	42
Marilu e seu jeito para atender	44
De plantão a qualquer hora	47
A luta pelo Hospital Santa Cruz	49
Vereador e deputado pela saúde	51
A eleitora número um	55
O imponderável na campanha	57
Hora de dar um tempo	59
Produção legislativa	61
Valorização do Contestado	63
Transparência nas filas de atendimentos	65

O início da caminhada

Ainda trago vivo em minha memória aqueles primeiros passos, com duas malas e muitos sonhos, que me leram da Estação Ferroviária de Marcello Dias, em Canoinhas, a São Bento do Sul, junto como meu querido irmão Miguel. O local da minha partida para uma nova vida era, curiosamente, parte de minha infância, onde morei com minha família, pois meu pai, como já contei, era funcionário da Rede Ferroviária Federal e cuidava da estação local. Também servira de plataforma para muitas aventuras, ainda pequeno, quando, ao lado de alguns amigos, corria para pegar caronas nos vagões abertos, de madeira, e seguia uma viagem clandestina de trem até Mafra. Um bate e volta arriscado, cheio de risadas memoráveis.

Na mesma intensidade, fazíamos o roteiro de retorno a Canoinhas, mas quando o pai e mãe descobriam, a vara de marmelo comia. Dona Regina não fazia esquecer o ato de esperteza, de forma implacável, porém não o suficiente para deter o ímpeto de menino. De volta ao dia da partida para estudar fora, aos 11 anos e três meses, um 15 de fevereiro, quando fui ao internato em São Bento do Sul, preparava-me para um salto que me levaria a Jaraguá do Sul, Criciúma, Florianópolis, Curitiba, no Paraná, e Casias do Sul, no Rio Grande do Sul, e, mais tarde, ao Rio de Janeiro. Era 1964, a poucos dias dos milhares assumirem o poder, fato consolidado no dia 31 de março, em um tempo de ebulição

18

política no país, com a deposição do presidente João Goulart. O trem nos deixou, como é até hoje, na localidade de Serra Alta, dali o caminho era feito de táxi até o internato do Colégio São Bento, dos irmãos maristas, hoje denominada Escola de Educação Básica São Bento.

Por todos os motivos, o que se antevia para o jovem Torbio, na vida estudantil, parecia tão desafiador quanto o que os brasileiros experimentariam nas décadas seguintes, muito mais do que apenas ares novos. Via no início desta jornada a abertura de uma série de perspectivas para quem sai do interior e encara uma vida fora de casa tão jovem. A saúde de meu pai e irmãos era grande. Diminuiu com o passar dos anos, sem, no entanto, cessar.

A rotina no educandário fechava com os preceitos traçados pelo meu pai, que repetia, do alto de sua inteligência e memória prodigiosa, que nosso futuro era se formar, ter educação. "Olha meu filho, se você não estudar, vai empilhar madeira ali", dizia o seu Mário enquanto apontava para a madeira que ainda existe em frente à estação do trem em Marcello Dias, com voz de quem lhe quer o melhor. Ficamos espertos e aceitamos este desafio.

No colégio, eu pertencíamos à ala dos menores. Éramos oitenta meninos, os chamados juvenistas. Nos três anos de estudo, levantávamos às 6h da manhã, assistíamos à missa às 6h30, em seguida às 7h30min tomávamos o café e, às 8h, encarávamos o estudo regular do Ginasio, que, à época, era precedido de uma prova de admissão. Ao meio-dia, almoço, e, depois, recreio até às 13h30min. No retorno à labuta, trabalhávamos até 13h30min, jornada muitas vezes esticada. E foi, nesta hora de atividade, que fomos requisitados para, com carinho de mão, puxar terra para a construção da escadaria da Igreja Matriz Puríssimo Coração de Maria, uma das mais belas edificações católicas do estado. Algo que me emociona quando passo por lá. Meu irmão voltou para casa um ano depois, e nos reencontráramos em Jaraguá do Sul mais tarde. Sem sair da realidade rural que nos cercava, o Colégio São Bento tinha uma espécie de fazenda, com muita criação: porcos,

19



Em conversa com o governador Luiz Henrique



Governador Raimundo Colombo e Aguiar na visita à fábrica de equipamentos hospitalares



Aguiar, Marlu e o governador Eduardo Moreira

136



Luiz Henrique conforta Aguiar durante campanha de 2000



Aguiar, Marlu e a Kombi de campanha com a equipe

137

f) AÇÃO 6: Capa Entre duas Américas

Briefing: Capa para um livro que discute a política externa brasileira, avaliando se o Brasil tem um posicionamento alinhado com os EUA ou a América Latina. O editor sugeriu a utilização de dois símbolos que representassem (1) EUA e (2) América Latina em conflito.

Público-alvo: Público em geral, em especial, latino-americanistas e cientistas sociais.

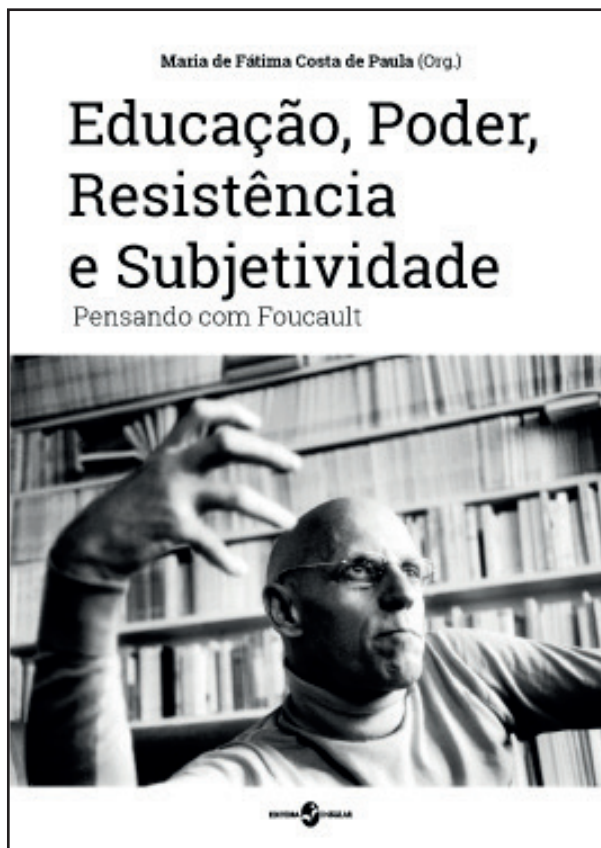


Para que se criasse a ideia de conflito era preciso que os dois símbolos tivessem alguma conexão, então após pesquisas de símbolos dessas duas américas, encontramos a imagem da águia, símbolo do Estado estadunidense, e um indígena, símbolo dos povos originários da América Latina. A relação de conflito entre os símbolos é nítida pela postura de ataque entre os dois elementos.

g) AÇÃO 7: Capa Educação, Poder, Resistência e Subjetividade

Briefing: Capa de livro que analisa tópicos de educação utilizando termos e conceitos do filósofo Michel Foucault.

Público-alvo: Educadores.



O livro traz no título a qual campo ele se dirige - educação - e utiliza termos muito citados por Foucault em seus textos - poder e resistência -, então para interpretar visualmente essa mensagem utilizei uma imagem do filósofo pensando e discutindo ao redor de livros, para apresentar na capa a discussão da obra.

h) AÇÃO 8: Capa O Estado autoritário e a pedagogia do silêncio

Briefing: Capa para um livro sobre o período histórico da ditadura com enfoque no estado de Santa Catarina.

Público-alvo: Público em geral, em especial, opositores ao regime militar.



Durante a ditadura, no ano de 1979, Florianópolis foi palco de um evento que ganhou visibilidade nacional, a Novembrada, quando o movimento estudantil fez uma manifestação contrária ao regime militar, representado pela figura do presidente militar João Figueiredo que fazia uma visita a ilha. Como esse evento foi muito marcante e dialoga com o conteúdo do livro, fiz uma montagem em que estão presentes os atores daquela revolta (presidente, estudantes e militares) e também as cores do estado catarinense (vermelho e verde).

i) AÇÃO 9: Capa Musas seguidas de poemas filosóficos

Briefing: Capa para um livro de poemas filosóficos que versam sobre musas.

Público-alvo: Leitores de poesia.



Uma das musas citadas na obra é Safo de Lesbos, uma poetisa grega. E a filosofia é muito associada a Grécia antiga. Por ser uma mulher, grega e poetisa, Safo foi capaz de unir diversos conceitos da obra.

j) AÇÃO 10: Capa Laguna e eu

Briefing: Capa para livro sobre a cidade de Laguna.

Público-alvo: População de Laguna e região.

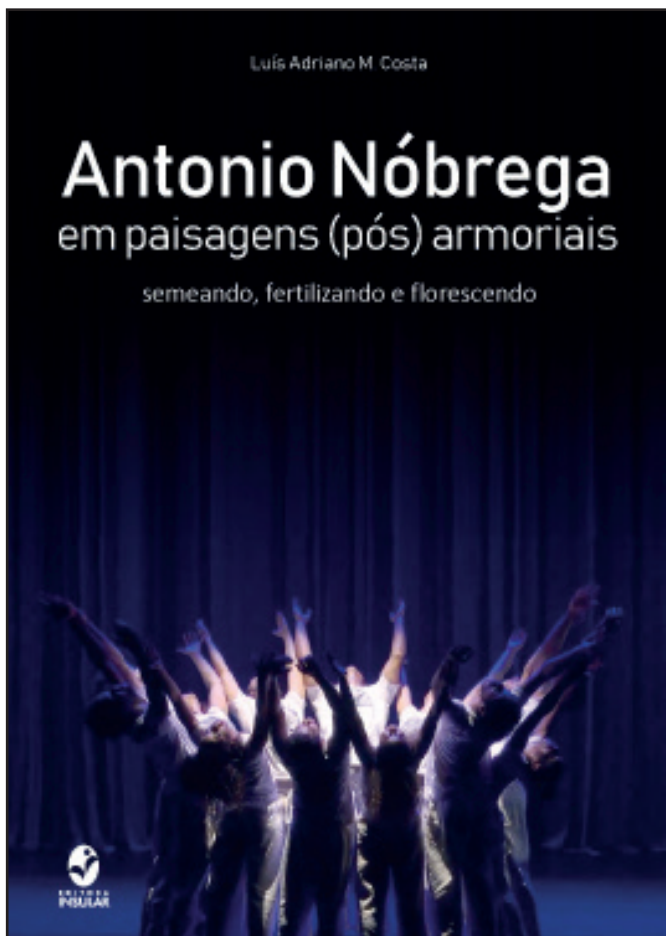


Foi pedido que se utilizasse essa ilustração para a capa.

k) AÇÃO 11: Capa e miolo Antônio Nóbrega em paisagens (pós) armoriais

Briefing: Capa e miolo para um livro que analisa um artista e uma de suas apresentações.

Público-alvo: Público ligado às artes em geral.



Luís Adriano Mendes Costa

Antonio Nóbrega em paisagens (pós) armoriais

semeando, fertilizando e florescendo

Florianópolis
EDITORA  INSULAR
2019

11	Prefácio <i>Cartografias sedutoras</i>
17	Introdução
27	Capítulo 1 <i>Movimento armorial: história, poética e política</i>
85	Capítulo 2 <i>"Brincaadeiras" de um brincante</i>
131	Capítulo 3 <i>Mitria x Pátria: por uma poética da relação</i>
161	Capítulo 4 <i>Do inamus à flor: semeando, fertilizando e florescendo</i>
219	Considerações finais <i>Em direção ao pós-armorial</i>
241	Apêndices

Para meus pais, Sílvio e Norma,
por serem como são,
por fazerem como fazem,
por amar como amam.

Para o Tio Jurandir
(*in memoriam*).

Prefácio

Cartografias sedutoras

Isaí Antônio Mourinho
Professor da UFPA

O volume *Antonio Nóbrega em paisagens (pós) armoriais: semando, fertilizando e florescendo* traduz uma contribuição efetiva das verticalizações críticas que a pesquisa acadêmica tem trazido ao debate sobre a produção artística, assumindo uma centralidade no debate cultural no país. O que acontece de maneira cada vez mais disseminada por todas as regiões do Brasil e tem na Paraíba um centro de produção de grande vitalidade, a partir de suas três instituições públicas, todas com forte inserção na pesquisa, no caso a Universidade Estadual da Paraíba, a UEPB, de onde se originou o livro de Luís Adriano Mendes Costa, em forma de tese de doutoramento, além das universidades federais de Campina Grande e da Paraíba, respectivamente UFCG e UFPA.

No livro, o trabalho de Antonio Nóbrega é debatido de maneira estimulante e aprofundada, com sua inserção nos ambientes de produção que deram base ao surgimento de sua obra em suas várias fases, sendo investigadas suas relações com o Movimento Armorial, com a cultura nordestina e a cultura brasileira. Tudo isso feito num forte entrelaçamento da perspetiva da produção cultural em interface com a série social e os movimentos culturais, em sentido estrito e muito também no sentido mais amplo. Tal debate informa as origens do artista estudado e traz um mapa forte das vivências identitárias e artísticas que circulam e constituem o mundo contemporâneo, numa abertura de horizontes ao leitor bastante promissora.

Luís Adriano Mendes Costa

11

múltiplo do que seu trabalho expressa na atualidade, sem deixar de lado aspectos referentes ao próprio movimento.

De forma complementar a essa característica é que foi percebido o princípio da *ruptura a-significante*, descrito pela sua capacidade de reconstrução a partir de uma quebra/compimento, num processo de desterritorialização e reterritorialização constantes, e que aqui foi compreendido a partir do que ficou de a armorial no pós-armorial, ou seja, o que permaneceu, refletindo mais uma vez a qualidade *movente*, um constante *devenir* de uma unidade significativa presente na sua trajetória.

A partir desse percurso é que chegamos aos dois últimos princípios, complementares entre si: o da *cartografia* e o da *decalcomania*. Complementares porque se no princípio da cartografia o *zizoma* funciona como um mapa, aberto em todas as suas dimensões, apto a sofrer transformações constantemente, numa permanente atualização; a *decalcomania* pressupõe a possibilidade de decalcar o mapa, de fazer uma representação a partir *dele*, o que não implica falta de originalidade, desde que o ponto de partida seja o mapa e não o decalque. Trazendo para o universo da nossa abordagem, foi perceber em *Húmus* as bases do pensamento armorial, tomadas nesse momento enquanto mapa, e a partir desse pensamento, as referências acessadas por Nóbrega que conferem uma pós-armorialidade, decalque que possibilita avanços no instante em que provoca o surgimento de pontos de tensão diante de um pensamento mais essencialista como se configura o armorial, e como consequência, novas reflexões acerca da atualidade do movimento e da própria trajetória do artista. Seguindo esse pensamento, é conhecer pós-armorial a partir mesmo do armorial, observando assim as descontinuidades dentro de uma lógica rizomática.

Faz-se necessário observar que os princípios do *zizoma* retomados ao longo do trabalho não serão organizados item por item, até porque eles permeiam constantemente nossas reflexões, promovendo avanços, passadas, associações, apontando caminhos necessários. Tal prática possibilitou um exercício amplo de acompanhamento de percursos, verificando aproximações e diferenças, capturando elementos minoritários e possíveis linhas de fuga, conexões para a elaboração de novos olhares em torno do que expressa não apenas o trabalho de Antonio Nóbrega na atualidade, mas dos caminhos que se configuram em torno do próprio movimento.

26

Antonio Nóbrega em paisagens (pós) armoriais

Capítulo 1



Movimento armorial: história, poética e política

O ano de 1990 reservou momentos marcantes para a história do Brasil. Se na política o país vivia um período de tensão diante da atuação inflável da censura e repressão do governo do General Emílio Garrastazu Médici passou seis anos do golpe militar, o plano econômico seguia quatro diretrizes básicas diante da ação dos governos militares: criar e assegurar condições para um crescimento econômico acelerado; consolidar o sistema capitalista no país; intensificar a integração da economia brasileira no sistema capitalista internacional; e, como consequência, transformar o país numa potência mundial, retirando-o da condição de subdesenvolvido e projetando-o internacionalmente.

Luís Adriano Mendes Costa

27

Queira (apud Newton Júnior, 1999, p. 124) intitulado "Um Concerto da Orquestra Armorial de Cámara". Assim, ele finaliza o artigo:

Valia a pena ir assistir o concerto na Igreja de São Pedro dos Clérigos. Fico até bem a apresentação ali da música armorial nordestina. Alguns coisa que se plantou foi significativamente nessa demonstração: a certeza de que Pernambuco está outra vez na liderança dos movimentos culturais de escala do Brasil. Um dia outras orquestras armoriais irão surgir, no milagre da conscientização artística de um povo, lutando vivacidade ao molinete, extrapolando-o para os grandes salões, tirando-o da modesta instrumentária do chapéu de couro, para as sedas e o traje fino. Não inasqueravel mesmo aquela vivida na Igreja de São Pedro, neste Novo Recife.

Outra cobertura da imprensa local de forma mais significativa aconteceu em julho de 1971, com a repercussão no Sul e Sudeste da primeira excursão da Orquestra Armorial de Cámara. Apresentando-se no programa "Concertos para a Juventude", realizado pelo MEC, em convênio com a Ulebo do Rio de Janeiro, na Sala Cecilia Meireles e, por último, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Orquestra Armorial (junto às explanações de Suassuna realizadas através de desenhos, pinturas, gravuras, livros e outras artes armoriais sobre o início e as primeiras realizações do Movimento) recebeu críticas positivas que atestaram o sucesso das apresentações.

Referindo-se especificamente à Arte Armorial, Eurico Nogueira França escrevia, no *Correio da Manhã*: "O forte caráter das composições apresentadas vem mais uma vez descezar nos olhos da brasilidade criadora... como os lá, também, por exemplo, na dramaturgia do próprio Suassuna, que fez comentários tão interessantes, com *ritmo*, sobre aspectos musicais e não musicais do programa. E mais do que nunca oportuno ressaltar esses vozes preciosos, porque a nossa música de concerto, nas suas expressões de vanguarda, tende para manifestações abstratas e não nacionais, sob o pretexto principal de que o nacionalismo está superado nos centros musicais do exterior. À essa altura, um bairão de sentimento brasileiro é altamente salutar. Ariano Suassuna, com a naturalidade suave e a picareza da sua fala, passou então a ser o animador da noite, explicando

32

Antonio Nóbrega em paisagens (pôd) armoriais

as ritmes do movimento armorial e comentando cada uma de suas peças. Estas foram devidamente valorizadas pela orquestra, cujos acros são de primeira ordem, e trouxe-nos exteriorização sugestivamente impelido de todo o programa, sob a regência do maestro Clávis Pereira. Audição de perfeita originalidade, teve rumoroso e merecido sucesso" (Newton Júnior, 1999, p. 125-126).

Esta primeira excursão da Orquestra pode ser vista como o lançamento em nível nacional do Movimento Armorial, que passou a ser conhecido para além das fronteiras nordestinas e teve em seu idealizador o referencial maior.

Ariano Suassuna: os caminhos em torno do Armorial

As definições em torno da estética armorial se confundem com as referências, experiências e formulações artísticas aprendidas por Suassuna ao longo de sua trajetória, com destaque para sua entrada no cenário cultural pernambucano, com uma atuação mais frequente iniciada na Faculdade de Direito do Recife, em 1946, aplicada por ele próprio na sua Aula Magna proferida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no dia 11 de março de 1994:

Nome tempo as opções eram três: Engenharia, Direito e Medicina. Quem sabia fazer uma conta de somar lá ser engenheiro – não é o meu caso, eu fiz uma conta de somar seis vezes, encontro seis resultados diferentes, todos seis errados. Quem aguentava espisar para um defeito, de manhã, lá ser médico. Quem não dava para nada lá estudar Direito – em o meu caso (Suassuna apud Newton Júnior, 1999, p. 37-38).

O espaço da Faculdade de Direito foi campo para Suassuna desenvolver seu potencial criador, o que foi ampliado a partir do convívio com personagens importantes que estiveram presentes ao longo da sua trajetória. Nomes como o de Capiba, José Guimarães Sobrinho, Maria Teresa Leal, Epitácio Gadelha, Ana Canem, Rachel Canem, Mikon Pervino, José Lins, Alaide Portugal, Clélio Wanderley, Duke de Holanda, Sebastião Vasconcelos, Filadelfo Loureiro, Elaine Soares, Salustiano Gomes Lins, Fernando José da Rocha Cavalcanti, José de Morais Pinho,

Luís Adriano Mendes Costa

33

a palavra se relaciona à decomposição de restos de animais e vegetais, contribuindo para o enriquecimento do solo. A palavra *Hímus* é uma expressão latina e quer dizer terra, aspecto esse de vida relacionado ao homem. É dessa forma que o espetáculo *Hímus* remete ao lodo fértil, cristalizado nas margens dos rios depois das enchurradas. Enxurrada que junto ao material orgânico, sedimenta as plantas, gera vida.

É seguindo esse processo próprio da natureza que *Hímus* se apresenta dividido em três momentos: semeando, fertilizando e florescendo. A seguir, como em uma viagem, essas paisagens vão se revelando aos poucos. O descortinar segue a ordem natural do espetáculo, da forma mais linear possível para uma melhor compreensão, sem deixar, no entanto, de fazer as pausas. São as paradas na viagem que nos permitem revisitar as paisagens passadas, construídas aqui a partir dos personagens, dos versos cantados, dos passos, ritmos e coreografias das danças, e do tocar dos instrumentos, sempre na expectativa do próximo trecho da estrada. Em cada parada, outras cenas, novas cenas. Passado, presente e futuro que andam juntos. Eis o espetáculo.

Osemar das matrizes populares

Do escuro surge a primeira personagem. Em ona, o bailarino Luciano Egundes caminha a passos lentos interpretando o que seria a Mãe Terra, uma referência ao "universo mãe", mito primordial identificado com o espírito da terra, do parto, que dá a luz e nutre a vida. Temos assim uma personagem um pouco envelhecida (Figura 1), que descalça, anda no seu caminhar lento, com dificuldades, curvada, ajudada por um cajado que a cada passo é apoiado no chão, impulsionando o passo seguinte. A vestimenta é formada por ramos de plantas com flores e folhas, que grudados ao corpo se apresenta como o aspecto da natureza.

Na sequência, à medida que a personagem de abertura sai de cena, um trovão maior, seguido de outros menores, é



Figura 1 – Personagem de abertura do espetáculo, uma referência ao universo criado

162

Antonio Nóbrega em paisagens (pôd) armoriais

o anunciar a chuva. A água caindo irriga, escorre e permite a planta nascer. Um nascimento representado a partir da imagem que surge, com os bailarinos em posição invertida, de cabeça para baixo, lentamente movendo suas pernas (Figura 2). São as plantas e galhos que se movem, mostram vida, como se estivessem saindo da terra. Dessa forma, percebemos a natureza em movimento, com sons provenientes dessa mesma natureza, com os barulhos de sons noturnos. São seres evidenciados a partir de notas sequenciais de uma gaita, de latidos e uivos que se distanciam cada vez mais, sons esses obtidos através da cuica, com toques intercalados de um berimbau e de uma alafia. Tal ambientação é criada a partir do tema de abertura do espetáculo, um tema popular recitado pelo músico Antônio José Madureira.

Conessa a se formalizar o semeiar das matrizes populares, um primeiro encontro do *Hímus*, a enxurrada que traz consigo todo o material bruto. É o que podemos verificar a partir dos momentos que se sucedem a essa abertura inicial. Já com os bailarinos saindo lentamente da posição invertida, o tocar de um sino é chamado para os primeiros batuaques, toques de terreiro que remetem ao universo devocional, religioso, afro-brasileiro (Figura 3).

Em círculo, eles fazem uma movimentação de terreiro que remete aos calandus, nome dado aos cultos africanos que deram origem ao que hoje ficou conhecido como Candomblé. Segundo Silva (2005), esse é o nome utilizado mais frequentemente para as referências de origem africanas que se



Figura 2 – Bailarinos em posição invertida representam o semeiar das matrizes populares



Figura 3 – Bailarinos fazem menção aos terreiros através dos toques obtusos e do xangô

Luís Adriano Mendes Costa

163

Quem assume o solo no espetáculo na sequência é a bailarina Michelle Rodrigues, trazendo novamente a atmosfera dos calandus para o palco. Ao som de cânticos tradicionais próprios desses cultos, com o predomínio de instrumentos percussivos, a exemplo do zabaque, tambor, alfaia e marimba¹⁵, ela inicia uma coreografia (Figura 23) com movimentos que remetem a práticas de invocação de espíritos, o que é na verdade uma das designações dos calandus.

Nesse momento, diferente da primeira passagem do espetáculo, esse ritual não é coletivizado, já que cumpre uma função coreográfica iniciada pela bailarina Michelle Rodrigues. Mas, logo esse cenário se modifica, com a participação de outros bailarinos (Figura 23), que não se apresentam em círculos, como foi exposto anteriormente, e o que revela, mais uma vez, a intenção de ressignificar uma manifestação, se apropriando



Figura 20 – Em grupos, bailarinos realizam coreografia a partir de passos de capoeira



Figura 21 – Bailarinos recriam a capoeira, atribuindo outros sentidos a essa manifestação



Figura 22 – Universo das danças de terreiro é reatado na segunda parte do espetáculo

15. Instrumento percussivo de origem africana muito parecido com o xilofone, feito com lâminas de madeira, normalmente dispostas numa fileira única, alinhadas em uma estrutura também de madeira. A marimba tem seu som extraído a partir de toques com um bastão contra as lâminas, produzindo uma sonoridade suave e agradável.



Figura 23 – Bailarinos ressignificam os calandus a partir do toque obaluaá

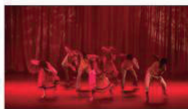


Figura 24 – Bailarinos impressionam ao coreografar o que seria um transe por possessão

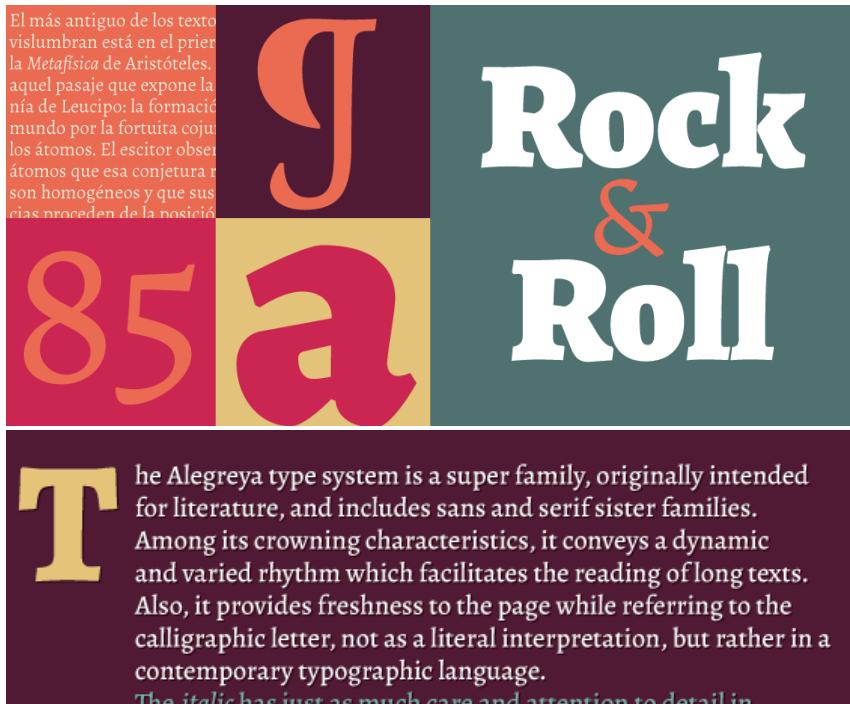


Figura 25 – Bailarinos coreografam movimentos que remetem ao trabalho escravo

chama a atenção nesse momento do espetáculo (Figuras 23 e 24) é o efeito provocado pela iluminação ao projetar o que seria uma folhagem, dando a impressão de uma floresta ao fundo, algo bem aproximado da realidade dos calandus, já que por serem associados a práticas diabólicas

de elementos desse universo, mas dispendo-se de modo a conferir um outro tipo de pensamento, um outra emoção a partir dessa performance. O mesmo acontece com as referências aos dois toques obaluaá e xangô, próprios desse universo, algo que foi verificado também no primeiro momento do espetáculo.

Se o primeiro momento dessa passagem do espetáculo é marcado por um ritmo mais lento, cadenciado, iniciado com a performance da bailarina Michelle Rodrigues ao som do toque obaluaá, o instante seguinte é marcado pela intensidade do xangô (Figura 24). Ao som de tambores impetuosos, os bailarinos executam movimentos mais intensos, frenéticos, num ambiente agitado, que pode ser associado a um ritual de possessão, quando os "deuses eram recebidos no êxtase do transe" (Silva, 2005, p. 54), algo também relacionado aos calandus. Um aspecto que



Foi escolhida a fonte Alegreya, da Huerta Tipográfica, para compor o texto, pois é uma fonte projetada para textos literários e possui elementos decorativos que criam uma atmosfera envolvente para a obra. A imagem da capa foi selecionada pelo autor.

D) AÇÃO 12: Capa A mãe que me pari

Briefing: Capa para um livro que é quase um diário sobre a maternidade.

Público-alvo: Mulheres que são mães ou pensam em ser.



m) AÇÃO 13: Capa Síntese de história da publicística

Briefing: Capa para um livro que fala sobre a publicística e estudos em comunicação.

Público-alvo: Comunicadores, jornalistas e publicitários.



Como o surgimento da publicística aconteceu na Alemanha, foi escolhido o uso da fonte Germania One, de John Vargas Beltrán, que é uma interpretação das letras góticas germânicas e formas geométricas da Bauhaus. Além de uma foto, que está no miolo do livro, de um discurso da época.

n) **AÇÃO 14:** Capa e miolo Nossa poesia

Briefing: Capa e miolo de um novo volume da Série Palavra de Mulher.

Público-alvo: Mulheres.



Bruna Barreto

Nossa poesia

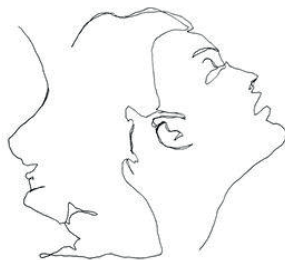
Florianópolis

EDITORA INSULAR
2019

16 Somos parte dos instantes,
Que vivemos,
Das lembranças
Que esquecemos,
E dos amores,
Amemos!

Te quero,
Sem garantias
E com defeitos,
Com ausência de nota fiscal
E falta de prazo de validade.
Apenas faça-me um favor,
Não me venhas pela metade.

17



Amor é arte que se revela,
Arte que não se esconde,
Arte que não se vá,
Sente,
Quente,
Força,
Delicadeza,
Melhor parte de dia,
Sobremesa,
Amor é mar sereno,
E furacão,
Amor é sim,
Mas também não.
Amor não é pra ser aprisionado,
Muito menos negado,
Calado,
Amor é arte,
E arte é o amor revelado.

Que beleza!
O infeliz,
Virou a mesa,
Ao ver a felicidade lhe sorrir.



Por Iara Germer e Jana Gularte

"Essa menina fala pelos cotovelos..." Nós, mulheres, somos educadas a ser econômicas em nossas falas. Essa economia, que nos é cobrada, se espalha sobre nossos comportamentos, nossas atitudes, nossos corpos e toda nossa ação no mundo. Felizmente, mesmo frente a tantos séculos de opressão, não economizamos nosso olhar e nossa percepção sobre o mundo, ao contrário: fizemos-nos capazes de ler as entrelinhas da vida.

E assim, buscando espaço, e melhor que isso, se permitindo ir além da moldura, mulheres saltam de todos os lados, no seu fazer e refazer diário, nas suas escolhas, muitas delas solitárias e sofredas – afinal, não se nasce mulher, torna-se! E esse tornar-se "de cima para baixo" não nos serve mais. O encantamento ao descobrir que podemos ser outra – e outras – de quem somos ou fomos, é inevitável. Porque nos vialumbra um universo de possibilidades, onde a percepção de ser mulher é muito mais uma contingência e uma aspiração, ao invés de vestir o passado que teimosamente insiste em determinar quem somos.

Embora o livro se situe em um tempo sócio-histórico-cultural, quando escrevemos suspendemos este tempo histórico, brincamos de Deus e reformulamos a vida e seu sentido. Nesse Interim, registrar o quê revolucionária é a palavra escrita nessa transformação que começa nas ideias, perpassa o papel e se aloja no mundo, é fundamental para a revolução que essa primavera feminista do século XXI nos ensija.

"A revolução virá do ventre", dizem algumas irmãs. Mas arriscamos dizer que antes do ventre, o que nos afirma no mundo como mulheres é nossa fala, que sai dos cotovelos da menina, mas que antes passa por sua cabeça, seus olhos, sua língua, seu corpo e se derrama sobre o papel, sobre as casas, sobre as cidades, e desenha no mundo, o rascunho dessa que há de vir a ser, definitivamente, a mulher que quiser!

Ser mulher é mais do que o determinismo biológico sempre impôs. É ter uma racha no meio das pernas, mas também é não ter. É gestar e parir, carregar um filho no colo e outro na barriga, mas também é escolher parir ideias, ao invés de filhos, e nenhuma dessas escolhas é melhor ou pior do que a outra, vale mais ou menos do que a outra. É entender que podemos sim, ser o que quisermos, desde a dona de casa até a presidenta da nação!

A *Série Palavra de Mulher* traz publicações de autoras catarinenses que fazem da palavra escrita uma ferramenta para a reafirmação e reinvenção do que é ser mulher no mundo. A partir de suas próprias experiências, essas meninas se reinventam em suas apreensões e impressões da realidade por meio da literatura e das artes, e em suas sensações, sentimentos e reflexões, se desnudam e se revestem delas mesmas nas páginas de seus livros nos encorajando e nos convidando a tomarmos para nós a caneta que escreve na história um novo sentido para nossa mulheridade.

Não estamos no mundo somente a passeio, todo dia matamos um leão em busca da igualdade, e para isso, ainda que exaustas, somos incansáveis.

Palavra de mulher!

SÉRIE PALAVRA DE MULHER

O fio da palavra
Iara Germer

Nossa poesia
Bruna Barreto

As mulheres da minha vida
Brigida De Poli

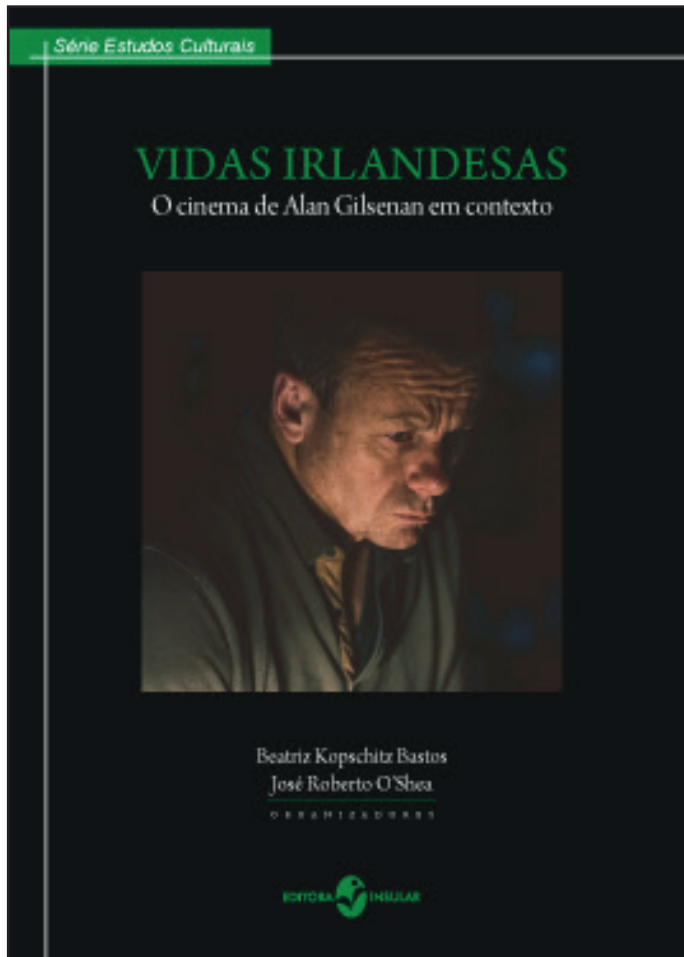
Este livro foi publicado
pela Editora Insular
em maio de 2019

O projeto gráfico da série é fechado, cabendo a mim, apenas a composição do livro e a montagem da capa com a ilustração escolhida pela autora.

o) **AÇÃO 15:** Capa e miolo Vidas irlandesas

Briefing: Capa e miolo de um novo volume da Série Estudos Culturais.

Público-alvo: Estudantes e professores de língua inglesa.



Organizadores
Beatriz Kopschitz Bastos
José Roberto O'Shea

VIDAS IRLANDESAS

O CINEMA DE ALAN GILSENAN EM CONTEXTO

Florianópolis
EDITORA INSULAR
2019

Editora Insular
Vidas irlandesas – O cinema de Alan Gilseman em contexto
Beatriz Kopschitz Bastos e José Roberto O'Shea (Org.)

Sumário

CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA INSULAR
Dilvo Rivetti, Eduardo Medeiros, Jull Meinhold, Jefferson Silveira Duarte, Nilson Cesar
Fiaga, Pablo Ornelas Rosa e Salvador Cabral Arrechea (ARG)

CONSELHO EDITORIAL DA SÉRIE ESTUDOS CULTURAS
Anneline Reich Corneil, Dilvo Rivetti, José Roberto O'Shea, Magali Spreng Beck,
Maria Lúcia Mello Martins

EDITOR
Nelson Rolim de Moura

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Eduardo Caron

ORGANIZADORES
Beatriz Kopschitz Bastos
José Roberto O'Shea

IMAGEM DA CAPA
Cristina Campbell

REVISÃO TÉCNICA
Cátulo Mota, Maria Eduarda Ferraz,
Raymú Link

Vidas irlandesas – O cinema de Alan Gilseman em
contexto. Florianópolis: Insular, 2019.

228 p. (Série Estudos Culturais)

ISBN 978-85-524-0132-2

1. Cinema irlandês. 2. Alan Gilseman. I. Título.

CDD 791

EDITORA INSULAR
(48) 3332-9591
e-insular@insular.com.br
twitter.com/EditoraInsular
facebook.com/EditoraInsular
www.insulacomm.br

INSULAR LIVROS
(48) 3334-2729
Florianópolis/SC – CEP 88025-210
Rua Antonio Carlos Pereira, 537
Baixo Agnôstica
insularlivros@gmail.com

- 9 **Introdução**
Beatriz Kopschitz Bastos e José Roberto O'Shea
- 19 **Os mortos da primavera**
Alan Gilseman
Maria Lúcia Mello Martins (Tradução)
- 49 **Casement no mundo, na guerra e nas palavras:
Seu impacto na História e na Literatura**
Owen Dudley Edwards
Fernanda Karowky Moura (Tradução)
- 85 ***Sing on Forever: Reconstruindo uma vida***
Nicholas Grene
Eloisa Dall'Bole (Tradução)
- 95 **"Meu nome sendo chamado": Éfrase e autoinscrição
nos livros de galerias de arte de Paul Durcan**
Kathleen McCracken
Maria Lúcia Mello Martins (Tradução)
- 109 **Apenas uma canção**
Alberto A. Heller
- 123 ***The Bloody Canvas: Representações e metáforas
do boxe nas artes***
Daniel Serravallo de Sá

Os mortos da primavera

ALAN GILSENAN
Tradução: Maria Lúcia Milléo Martins

"Não tinha nação, mas imaginação."
Derek Walcott, *The Schooner Flight*

I.
Veio o telefonema – como costumam vir *esses chamadas* – no meio da noite. Do lado de fora, soprava um vento sudoeste no Glencree Valley, aninhado nas montanhas de Wicklow, ao sul de Dublin.

Arindo Camilo Nunes, meu sogro, tinha morrido subitamente no Caribe. Apesar da idade e saúde frágil, sua morte foi um choque. Na noite anterior, discutíamos quando minha mulher Catherine poderia ir vê-lo. Em casa. Estar com ele, falar com ele. E agora estava morto. Esse é o pesadelo do migrante, tão familiar aos irlandeses, o telefonema de casa que diz que é muito tarde. Muito tarde para tudo, quando a conexão parece interrompida para sempre e a promessa de mais se foi. Aprecio que as pessoas não mudem profundamente à medida que se aproximam da morte, que principalmente possamos morrer como vivemos e, quando a morte vem, vem abruptamente, sem resolução, sem uma conclusão dramática satisfatória. Nenhum ao final. E ainda esperamos, como Catherine esperou, e agora aquelas esperanças foram destruídas. Sei que essa perda, essa narrativa inacabada, ecoará por meses até encontrarmos um meio de completar a história.

E bem provável que Catherine tivesse ido para sua terra natal alguns meses antes – durante o escuro inverno irlandês – não fosse o meu tratamento de câncer. De alguma forma estranha, por aqueles meses

19

roupagem nazista), enquanto estranhas figuras locais ofereciam cura secreta para AIDS ou câncer, tiradas de alguma misteriosa poção de ervas ou veneno de cobra descobertos no fundo da floresta. Ao anoitecer, travestis se reuniam na luz néon fora da barbearia, enquanto algumas das mais bonitas mulheres no mundo serviam mesas no único restaurante da cidade.

Em uma manhã bem cedo, incapaz de dormir, nosso pesquisador Kim Bartley emprestou uma motocicleta e se dirigiu para a floresta. Lá, encontrou uma vila de índios Hutoto que falaram sobre Roger Casement com lágrimas nos olhos como se ele tivesse recentemente partido. Pois, no auge da exploração da borracha trazida pelo advento do carro motorizado, milhares de índios do Amazonas em Putumayo foram submetidos a abuso violento e a crueldade indescritível nas mãos dos chamados "Barões da Borracha", e, principalmente entre eles, a figura diabólica de Julio Arana da Companhia Peruviana de Borracha. Ao lado de vários outros indivíduos, as investigações detalhadas e corajosas de Casement trouxeram esses horrores para a atenção internacional. Como o xamã da tribo nos disse: "Sem Casement, simplesmente não existiríamos hoje".

Anos depois, voltando ao local, ouvi histórias semelhantes na comunidade indígena. Também encontrei uma cópia rara do volume dois de *Across Unknown South America*, de Arnold Henry Savage Landor, em uma velha biblioteca da Casa Morey – hoje um refinado hotel-boutique – em Iquitos. O excêntrico inglês oferece um raro vislumbre contemporâneo de Casement:

Se Roger Casement, da fama das atrocidades do Putumayo, a quem tive o prazer de conhecer em Manaus, gostou um dos mais belos espécimes de "Macroceraas Hysicofthinas". Era emocionante ver a devoção patética que existia entre mestre e pássaro e vice-versa. Apenas o pessoal do hotel onde ambos ficamos não podia apreciar o magnífico visitante preto azulado, pois quando o mestre estava fora, ele passava o tempo todo cortando pedaços de mesa e cadeiras, e se

38

deixando em fazer, vier garfós, facas e colheres das mesas de jantar, e estragando os menus. (Lando, 1923, p. 16).

As extensas viagens e o trabalho de Casement tanto na África quanto na América do Sul seguiram paralelamente ao seu constante caso amoroso com sua terra natal – com suas paisagens e histórias, sua música e canção. Mas sua profunda experiência do Império durante seu tempo de funcionário dedicado do Ministério de Relações Exteriores o fez cada vez mais questionar o mérito todo do empreendimento colonial. Começou cada vez mais a ver um espelho dos destituídos irlandeses nos povos colonizados do Congo e de Putumayo. Em uma famosa carta para Alice Stopford-Green, Casement escreveu:

(...) quando estava naquela solitária floresta do Congo onde encontrei Leopoldo – também encontrei a mim mesmo – o incógnito irlandês... Sábias que o Ministério de Relações Exteriores não entenderia a dor ou se entender não irá fazer coisa alguma, pois então percebi que eu estava olhando essa tragédia com olhos de outra raça, outros povos, e os próprios uma vez caídos cujos corações fundam estavam-se no sítio que é um privilégio fundamental de contato com seus semelhantes e sua estimativa de vida não era algo a ser totalmente avaliado a preço de mercado. E, então, disse a mim mesmo, longe no Rio Solongo, que fazia minha parte como um irlandês e só porque era um irlandês, onde quer que isso me levasse. (Apud Mitchell, 2013, p. 17).

Seu caminho o levou ao coração escuro e profundo do fanatismo irlandês, aos Estados Unidos e finalmente à Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, quando embarcou na tentativa equivocada de levantar um batalhão irlandês de rebeldes nacionalistas das fileiras dos prisioneiros britânicos de guerra. Foi por esse ato de tração ao Reino Unido – país que Casement amamentara ser o seu país – que foi enforcado.

De volta ao interior do restaurante em Florianópolis, a conversa sobre Casement continua no jantar. Professor Dudley Edwards fala

39

inaugurou o Consulado irlandês em Edimburgo em 1999 quando o Parlamento escocês foi convocado pela primeira vez desde 1707. Pode algum corpo diplomático no mundo se comparar ao comprometimento e evangelismo culturais irlandeses?

Magnífica e eloquentemente nessa tradição está o moderador de minha fala, o Embaixador Brian Glynn, cuja perspicácia e sabedoria irradiam o grande espírito que tem servido a Irlanda e o mundo tão bem. Em bondade e cortesia, não menos que em discursos públicos profundos e provocadores de reflexão, ele se destaca no seu desempenho. E muito disso é devido por nós, assim como no contexto mais amplo de relações entre a Irlanda e o Brasil, à extremamente engenhosa, atenciosa e incístra Consuleira Geral, Sra. Sharon Lennon e sua vice, Sra. Ciara Gilvarry. Sem a estratégia global e as táticas elegantes, eu certamente não estaria aqui. Pessoalmente, devo muito a eles, mas todos nós queremos agradecer-lhes por seu último trabalho pessoal, diplomático e intelectual, assegurando de forma tão habilidosa que a cultura permaneça na vanguarda das relações entre a Irlanda e o Brasil.¹

O progenitor da tradição diplomática irlandesa (além dos seus evidentes pioneiros líderes nacionalistas Theobald Wolfe Tone (1763-1798), Daniel O'Connell (1775-1847) e Charles Stewart Parnell

(1846-1891), deve ser Sir Roger Casement (1864-1916), enforcado como traidor com anos atrás.²

Diferentemente daqueles líderes históricos e de seus predecessores que negociaram vantagens para a Irlanda, Casement era um diplomata profissional cujo trabalho na África e na América do Sul foi certamente não-ortodoxo em sua extraordinária conquista, assim como foi seu heroico e degradado final à semelhança de Cristo. Ele refletia as crenças de Tone de que as necessidades da Irlanda significavam envolvimento nas ambições militares da França revolucionária; as crenças de O'Connell de que a causa da Irlanda exigia apoio aos judeus não libertos e aos afro-americanos escravizados; e a de Parnell de que o sentimento moral universal era um tribunal superior à legislação e aos tribunais do Reino Unido. Ele nasceu em Dublin, ficou órfão cedo, foi batizado e criado no Protestantismo do seu pai, ainda criança se mudou para perto da católica Ballacastle no condado protestante Antrim na católica Irlanda no Reino Unido protestante, por vezes lembrando-se do batismo católico acrescido ao batismo protestante por sua mãe católica, mas nunca afirmando até a véspera da sua execução, quando o cardeal Francis Bourne (1861-1931) levantou objeções à sua aceitação como convertido, porém foi proibido de negar os últimos sacramentos a um

1. Introdução extraída às tradições diplomáticas irlandesas entre em *The Exchange and Deal* (2013), de Conor Cruise O'Brien, "Ireland as International Adverser", escrito por Conor Cruise O'Brien e publicado no livro *Conor Cruise O'Brien: Introducing Ireland* (2013), editado por Owen Dudley Edwards e *Reviews* (2013), também de Conor Cruise O'Brien. *Part of Small Nations* (2005), de Gerard Egan, é uma atualizada doutrina do embaixador sobre a política externa irlandesa entre 1911 e 1931 (Casement é mencionado no intervalo de página entre 21 e 26).

2. As referências a trechos citados no texto encontram-se nas citações parafraásicas e na lista de referências. Referências a obras não citadas diretamente estão nas notas explicativas.

3. O engajamento cultural mais antigo entre a Irlanda e o Brasil é provavelmente pré-histórico. Há alusões cartográficas do século XVII a Hy-Brasil, cerca de 100 milhas a oeste da Irlanda, ao qual viajantes pediam ig, mas nunca retornavam. O nome é evidentemente mais antigo. "Hy-Brasil, the Isle of the Blue", de Gerard Griffin (1803-1842), pode conter o melhor resumo de que dispomos do mistério da emigração: "De Azu, a sognada, de se voltou para o Oeste, / Pois embora Azu fosse sognada, Hy Brasil era abençoada".

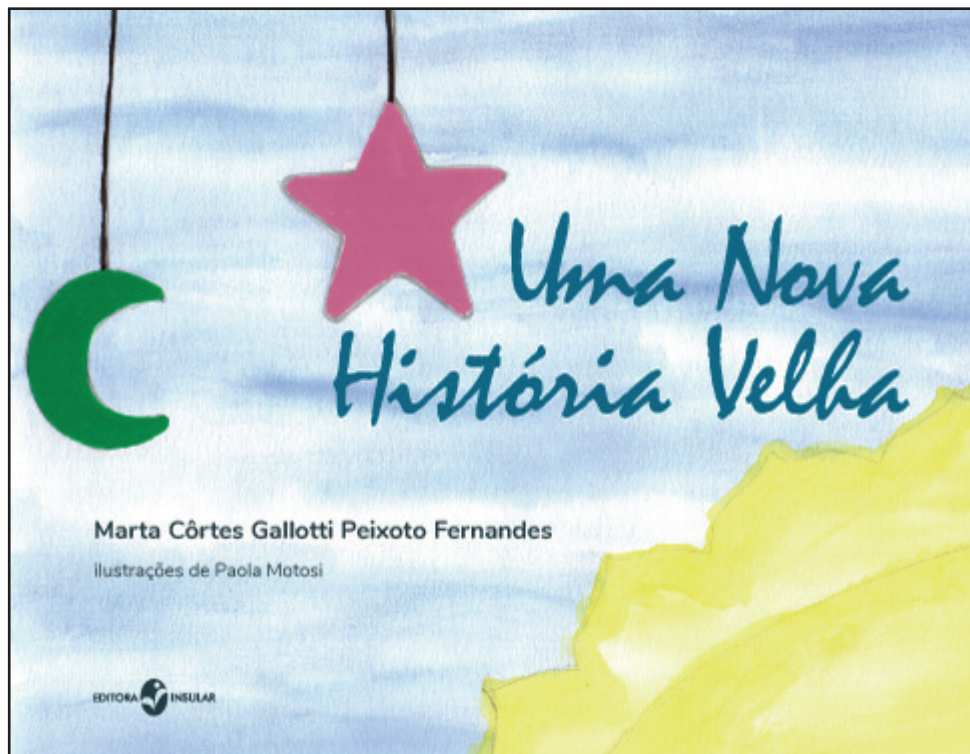
3. Meu ensaio "Ireland", publicado no livro *Códt: Nationalism* (1969), editado por ome, *Conor Cruise O'Brien* e *John Burt*, é uma útil reflexão inatua de certa relevância. Meu "Divided Territories and Divided Loyalties: Roger Casement and Others", publicado no volume 14 de *Transactions of the Royal Historical Society*, ainda pode valer a leitura. Com relação ao papel vital de Ulster em ditur a jogada ideológica de Casement de Council Britânico para aliar alemães, veja o meu "Ulster and Ireland", *Foreignly Review* (Novembro 1913), veja também [escrito como Shaan Van Vochel] "Ireland, Germany and the First War", *Irish Review* (Julho 2013), e o programa de conferência da Real Academia da Irlanda Roger Casement as Irish and World History para o simpósio de 14 de maio de 2009, que, entre muitas outras preciosidades, mencionou os escritos de Casement: "Gatti a tale of Swazili" (*Culture*, 21 de abril, 1901); "The Putnamy Indians" (*Contemporary Review*, Setembro 1911); "A Protestant Protest" (discorso em Ballymore no condado de Antrim, em 14 de outubro de 1911), e o prólogo "The Secret Diplomacy of England" (*Irishman*, III, 3 de março de 1901). Também entre as muitas produções protegidas do Graphic de Londres, de 10 de maio de 1905, cometeu desleixo ao tribunal ao chamá-lo de traidor com imagens fúnebres de prisioneiros irlandeses capturados discutando "sob o céu de seus mentes desvãos".

O projeto gráfico da série é fechado, cabendo a mim, apenas a composição do livro e a montagem da capa com a foto escolhida pela organização do livro.

p) **AÇÃO 16:** Capa e miolo Uma nova história velha

Briefing: Capa e miolo de um livro ilustrado infantil.

Público-alvo: Público infantil.



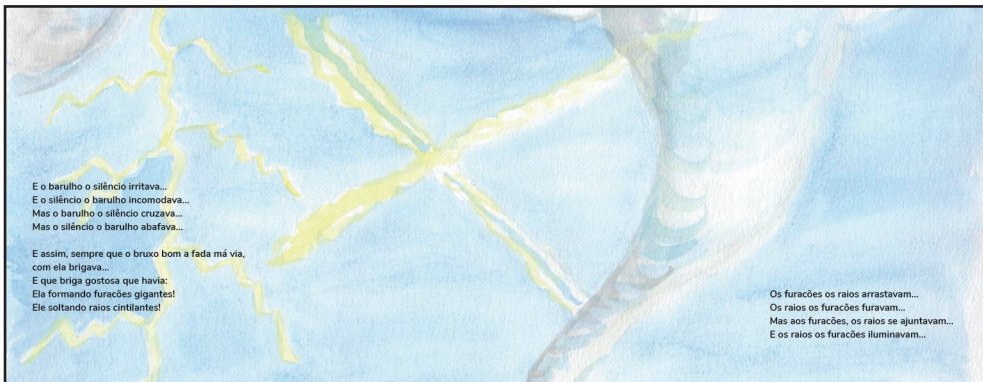
Texto de Marta Côrtes Gallotti Peixoto Fernandes

Ilustrações de Paola Motosi

Uma Nova História Velha

Texto no qual foi baseado o musical homônimo
produzido pela Aktozo CIA e estrelado por
Gabriel Miranda e Renata Fernandes

Florianópolis
EDITORA  INSULAR
2019



E o barulho o silêncio irritava...
E o silêncio o barulho incomodava...
Mas o barulho o silêncio cruzava...
Mas o silêncio o barulho abafava...

E assim, sempre que o bruxo bom a fada má via,
com ela brigava...
E que briga gostosa que havia:
Ela formando furacões gigantes!
Ele soltando raios cintilantes!

Os furacões os raios arrastavam...
Os raios os furacões furavam...
Mas aos furacões, os raios se ajuntavam...
E os raios os furacões iluminavam...



Decidiram juntos então viver.
Mas que endereço iriam ter?
A fada queria morar numa estrela.
O bruxo, na lua.
Escolheram por fim o sol e criaram uma rua.

q) AÇÃO 17: Capa e miolo As mulheres da minha vida

Briefing: Capa e miolo de um novo volume da Série Palavra de Mulher.

Público-alvo: Mulheres.



Brígida De Poli

As mulheres da minha vida

Florianópolis

EDITORA  INSULAR
2019

SUMÁRIO

Apresentação	13
Adélia	15
Billie	21
Clarice	25
Eli	31
Frida	37
Ingrid	43
Lella	49
Lina	53
Mercedes	59
Oriana	65
Simone	71
Winnie	79
Referências	83
Por que palavra de mulher?	85



Foi após a morte do pai e ao se formar em Filosofia, em 1973, que Adélia enviou seus primeiros poemas ao poeta e crítico literário Afonso Romano de Sant'Anna, que os repassou à apreciação de ninguém menos que Carlos Drummond de Andrade. Drummond chamou os poemas de "fenomenais" e os enviou a uma editora. Nascia assim o primeiro livro da poetisa mineira, *Bogagem*. Sobre a obra, ela diz:

Bogagem, meu primeiro livro, foi feito num entusiasmo de fundação e descoberta nesta felicidade. Emoções para mim inseparáveis da criação, ainda que nascidas, muitas vezes, do sofrimento. Descobri ainda que a experiência poética é sempre religiosa, quer nasça do impacto da leitura de um texto sagrado, de um olhar amoroso sobre você, ou de observar formigas trabalhando.

Uma coisa que me encanta em Adélia tem exatamente a ver com "formigas trabalhando". Tantos poetas são inspirados pelas dores de amor, as traições e tragédias pessoais. Não é incomum encontrar os que, sufocados pela tristeza, tiraram a própria vida, como Sylvia Plath e Ana Cristina Cesar. Adélia usa outro combustível: ela observou "formigas trabalhando". Ela tem seu inferno interior, claro, como a depressão que a deixou sem escrever durante dois anos. Mas fala sobre coisas do cotidiano e nem por isso sua poesia é menos intensa.

Há mulheres que dizem: / Meu marido, se quiser pensar, pesque / mas que limpe os peixes / Eu não. A qualquer hora da noite me levanto / ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar. / É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha, / de vez em quando os cotovelos se esbarram, / ele fala coisas como "este foi difícil" / "prateou no ar dando rabanadas" / e faz o gesto com a mão. / O silêncio de quando nos vimos a primeira vez / atravessa a cozinha como um rio profundo. / Por fim, os peixes na travessa, / vamos dormir. / Coisas prateadas espocam: / somos noivo e noiva. (Casamento)



A Ku Klux Klan, a famigerada KKK, uma entidade civil americana que prega a supremacia branca e o racismo, se encarregava dessas "justificações". Atrás daquelas túnicas brancas e dos chapéus cômicos (e cômicos) se escondia o ódio racial, em sua faceta mais sanguinária. É de se ouvir de joelhos Billie cantando

árvores do sul produzem uma fruta estranha / Sangue nas folhas e sangue nas raízes / Corpos negros balançando na brisa do sul / Fruta estranha penduradas nos álamos (...).

Gravada em 1939, acabou se tornando uma de suas canções mais famosas e um grito contra o racismo nos EUA.

A vida adulta de Billie Holiday não foi menos sofrida. Ela foi explorada por empresários, marido infiel e amantes violentos. Então veto o sucesso, e com ele o álcool e as drogas. O vício em heroína prejudicaria sua voz extraordinária. Foi presa por porte de drogas na Filadélfia e perdeu a credencial que a autorizava a cantar em grandes casas de espetáculos. Restaram os cabarês e a decadência.

Magoada com a terra natal, Billie costumava dizer:

Quando morrer não quero saber se irei para o céu ou para o inferno. São não quero ir para a Filadélfia.

Em 1959, foi diagnosticada com cirrose hepática, mas não parou de beber. Amigos levaram-na para o hospital, onde acabou recebendo voz de prisão outra vez por porte de drogas. Ela permaneceu sob vigilância policial até morrer, no dia 17 de julho de 1959, em Nova York. Tinha 44 anos.

A grande dama do jazz partiu sozinha e polbre. Contam que ela possuía apenas 50 dólares quando morreu, dados por um repórter interessado numa entrevista. Seu enterro foi bancado pelos fãs. Partiu sem saber que um dia seria reverenciada como uma das maiores cantoras do mundo, referência para todas que vieram depois.

Em "Gloomy Sunday", Billie canta.



A família morou em Alagoas, Recife e então mudou-se para o Rio de Janeiro, onde mais tarde Clarice entraria para o curso de Direito. Em 1940, ela começou a trabalhar como redatora e repórter na Agência Nacional, onde conviveu com veteranos como Antonio Callado e José Condé. Conheceu também o escritor mineiro Lúcio Cardoso, por quem teve uma paixão frustrada, pois ele era homossexual. Tornaram-se grandes amigos pelo resto da vida.

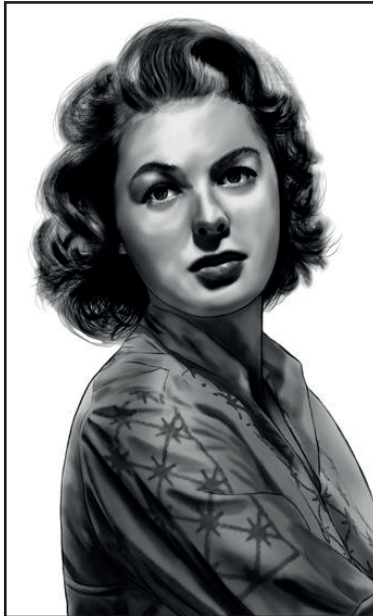
Em 1943, casou-se com Maury Gurgel, seu colega da faculdade de Direito. Por causa da atividade consular do marido, Clarice morou muitos anos fora do Brasil. Durante a Segunda Guerra, chegou a trabalhar num hospital americano, dando assistência a soldados brasileiros feridos. Na mesma época, o poeta Manuel Bandeira escreveu a ela para dizer que aguarda ansiosamente seu novo romance. Pediu-lhe também poemas, arrependido de ter criticado alguns versos de Clarice no passado. "Você é uma poeta, querida", diz Bandeira.

Entre idas e vindas, Clarice volta definitivamente ao Brasil em 1953, ao se separar do marido. Em 1966, uma tragédia: Clarice dorme com o cigarro aceso e provoca um incêndio no apartamento. Sofre queimaduras no corpo e no rosto, quase perde uma das mãos e chega a correr risco de morte. Depois de dois meses hospitalizada, ela volta para casa com muitas cicatrizes, acompanhada de Síleia Marchi, a enfermeira que ficaria com ela até o fim. As dores não a impediram de sair às ruas para protestar contra a censura imposta pela ditadura militar. Na escrita, mesmo em estado depressivo, aceitou o convite de Alberto Dines para assinar uma coluna semanal no *Jornal do Brasil*. Essas foram as crônicas de *A descoberta do mundo*, escritas entre os anos de 1967 e 1973, que me abriam os olhos e o coração para Clarice.

Encontro na minha velha edição dessa obra marcações a lápis. Uma delas é no texto dilacerante em que Clarice explica a própria tristeza.

Medo do desconhecido

Então isso era a felicidade. E por assim dizer sem motivo. De início se sentiu vazia. Depois os olhos



"Intermezzo" foi um remake do filme de mesmo nome que Ingrid havia feito na Suécia, alguns anos antes. 45

A intenção de terminar "Intermezzo" e voltar para a terra natal foi abandonada diante do sucesso do filme nos EUA. Acabaram também as dúvidas de Sétnick em relação a ela "por não falar inglês, ser alta demais, possuir um nome que soava alemão e ter as sobrancelhas muito grossas". Aliás, ele bem que tentou mudar as sobrancelhas e mexer nos dentes de Ingrid, mas ela se recusou e ameaçou voltar à Suécia, fez o mesmo em relação ao seu sobrenome, que os produtores queriam mudar para Berriman ou Lindstrom (o mesmo do marido). Não, não e não.

Ingrid Bergman era mesmo diferente das estrelas que povoavam Hollywood. Sua beleza não era achapante como a de uma Ava Gardner ou Rita Hayworth, mas acabava sendo uma vantagem, pois podia interpretar uma mulher sofrida do povo ou uma princesa russa com a mesma naturalidade. Havia uma serenidade em seu semblante e, lá no fundo, também uma dor, talvez vinda da infância. Ingrid perdeu a mãe aos dois anos e o pai aos 13. Orfã, foi morar com uma tia que morreu seis meses depois. Passou, então, a viver com outros tios.

Quando começou a filmar nos Estados Unidos, Ingrid era casada na Suécia com Petter Lindstrom, um neurocirurgião, e tinha uma filha ainda bebê, Pia.

O filme "O médico e o monstro" antecedeu o que seria o maior sucesso de Ingrid: "Casablanca". Com o superastro Humphrey Bogart, ela interpretou a história de Rick e Ilsa, antigos amantes que se reencontram na romântica Casablanca, em plena Segunda Guerra. Romance, humor, renúncia, suspense e uma canção icônica como "As time goes by" fizeram do filme um dos maiores sucessos de bilheteria da história. Indicado a oito Oscars, a película levou as estatuetas de melhor filme, melhor diretor (Michael Curtiz) e melhor roteiro. Elevou também Ingrid Bergman a estrela de primeiríssima grandeza na meca dourada. A atriz filmou duas vezes com o temível Alfred Hitchcock - "Inteligência" e "Quando falta o coração"; com George Cukor fez: "À meia luz", que rendeu seu primeiro Oscar de melhor atriz, em 1945.



A discriminação era explícita em coisas básicas como o transporte público. Ela contou que foi impedida de entrar em um ônibus porque aquele era apenas para negros. Ela não sabia que havia pontos de ônibus distintos para brancos e pretos. Insistiu em entrar no veículo, mas não deixaram. Entendeu ali o que era o *apartheid*, a separação, na África do Sul.

As mulheres tiveram papel preponderante na luta contra o *apartheid*. Algumas foram da linha de frente, como Fatma Meer. Mas "Sizulu e, claro, Winnie Mandela, a mulher do símbolo de resistência, Nelson Mandela.

Durante os 27 anos de prisão do marido, Winnie enfrentou as forças repressivas e a luta do lado de fora. Ela foi perseguida, presa em condições desumanas, torturada e depois encaminhada para prisão domiciliar. *Lei seus livros. Furete do miolo o livro e agrilhos prisioneira número 122/69 me faz chorar e ter pesadelos.*

Depois de muitos anos, episódios como o Massacre de Sharpeville, na província de Gauteng, onde um protesto pacífico contra a Lei do Passe – que determinava onde os negros poderiam ir ou não – acabou com 69 mortos e quase 200 feridos, chamaram a atenção do mundo para o que se passava na África do Sul. Mesmo com a pressão externa e a luta de militantes corajosos como Winnie, o *apartheid* ainda duraria até 1994. Foram longos e terríveis 46 anos.

Quando finalmente Nelson Mandela deixou a prisão e reencontrou Winnie, o casamento durou apenas dois anos. O longo afastamento, visões diferentes sobre política e suspeitas de infidelidade foram as causas alegadas. Pouco depois, Mandela se tornou o primeiro presidente negro eleito da África do Sul e um dos líderes mais reverenciados no mundo.

Para Winnie, a libertação pela qual ela tanto lutou não lhe trouxe bons tempos: foi acusada de envolvimento na morte de um militante suspeito de espionagem e também de malversação do dinheiro público quando esteve à frente do Ministério da Cultura, Artes, Ciências e Tecnologia, no governo do ex-marido. Nunca ficou claro o que realmente aconteceu, pois havia diferentes correntes

81

JORNA DO BRASIL
O GLOBO
O PASQUIM
REVISTA GALILEU

Sites
@biografia.com
Cetrícia Livre
Instituto Moreira Salles
Lina Wermuller

POR QUE PALAVRA DE MULHER?

85

Por Iara Germer e Jana Gularte

"Essa menina fala pelos cotovelos..." Nós, mulheres, somos educadas a ser econômicas em nossas falas. Essa economia, que nos é cobrada, se espalha sobre nossos comportamentos, nossas atitudes, nossos corpos e toda nossa ação no mundo. Felizmente, mesmo frente a tantos séculos de opressão, não economizamos nosso olhar e nossa percepção sobre o mundo, ao contrário: fizemo-nos capazes de ler as entrelinhas da vida.

E assim, buscando espaço, e melhor que isso, se permitindo ir além da moldura, mulheres saíram de todos os lados, no seu fazer e refazer diário, nas suas escolhas, muitas delas solitárias e sofridas – afinal, não se nasce mulher, torna-se! E esse tornar-se "de cima para baixo" não nos serve mais. O encantamento ao descobrir que podemos ser outra – e outras – de quem somos ou fomos, é inevitável. Porque nos vislumbra um universo de possibilidades, onde a percepção de ser mulher é muito mais uma contingência e uma aspiração, ao invés de vestir o passado que teimosamente insiste em determinar quem somos.

Embora o livro se situe em um tempo sócio-histórico-cultural, quando escrevemos suspendemos este tempo histórico, brincamos de Deus e reformulamos a vida e seu sentido. Nesse interim, registrar o quão revolucionária é a palavra escrita nessa transformação que começa nas ideias, perpassa o papel e se aloja no mundo, é fundamental para a revolução que essa primavera feminista do século XXI nos ensaja.

"A revolução virá do ventre", dizem algumas irmãs. Mas arriscamos dizer que antes do ventre, o que nos afirma no mundo como mulheres é nossa fala, que sai dos cotovelos da menina, mas que antes passa por sua cabeça, seus olhos, sua língua, seu corpo e se derrama sobre o papel, sobre as casas, sobre as cidades, e desenha no mundo, o rascunho dessa que há de vir a ser, definitivamente, a mulher que quiser!

O projeto gráfico da série é fechado, cabendo a mim, apenas a composição do livro e a montagem da capa. Neste volume, também fiz as ilustrações do miolo e da capa.

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO CURRICULAR

BLOCO 3

3.1 A SITUAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO FOI SATISFATÓRIA? EM QUE E COMO?

Sim. Tive muito espaço para criar ao mesmo tempo em que recebia orientações sobre como entregar o que o público procura. Então apliquei os conhecimentos aprendidos no curso e desenvolvi conhecimento tácito, acompanhado de alguém com anos de experiência, dentro do mercado editorial.

3.2 QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS PONTOS POSITIVOS E OS NEGATIVOS DO ESTÁGIO?

O principal ponto positivo foi a convivência com as pessoas, foi um espaço que respeitou o ritmo de produção de cada um e sempre muito aberto a trocas, tanto para experimentar práticas novas no processo, como também para ensinar e explicar coisas sobre a produção de livros e o mercado editorial.

O ponto negativo foi o baixo orçamento para os projetos. Como a editora trabalha com tiragens pequenas, a parte de produção gráfica é muito limitada, não sendo possível, ainda desejado por todas as partes, a realização de projetos gráficos mais complexos.

3.3 AS ABORDAGENS CONCEITUAIS, OS MÉTODOS E AS TÉCNICAS UTILIZADAS NO ESTÁGIO FORAM COERENTES COM O QUE FOI ESTUDADO NO CURSO? QUAIS AS CONVERGÊNCIAS? QUAIS AS DIVERGÊNCIAS?

Sim. Para o projeto de capas, algumas técnicas foram utilizadas como estabelecer público-alvo, interpretar as orientações do editor e pensar uma linguagem que comunique com o leitor do livro. Mas para o projeto do miolo, teve algumas divergências com os métodos aprendidos no curso. Os formatos do livro eram padronizados, então o método de editoração em que tudo é construído a partir da tipografia não foi aplicado na íntegra. Como o formato era praticamente constante, as possibilidades de variações no projeto eram mais sutis.

3.4 COMO E EM QUE ESSE ESTÁGIO CONTRIBUIU PARA SUA FORMAÇÃO?

Este estágio me introduziu no mercado editorial. Projetar livros tem suas especificidades e realizar projetos de capa e miolo várias vezes me deu um aprofundamento técnico que só é possível trabalhando. Ao longo do estágio desenvolvi técnicas para melhorar o fluxo de trabalho, melhorei habilidades que pareciam sólidas dentro do ambiente acadêmico, mas que quando confrontadas com a qualidade e o ritmo de produção do mercado se mostraram insuficientes.

3.5 QUAIS OS CONHECIMENTOS TEÓRICOS E TEÓRICO-PRÁTICOS ADQUIRIDOS NO CURSO QUE FORAM DIRETAMENTE UTILIZADOS?

Foram muito importantes os conhecimentos sobre metodologia de projeto, para a organização do fluxo de trabalho. As aulas de teoria da forma, teoria da cor e composição também ajudaram muito a fazer as capas e a matéria de tipografia aplicada foi essencial para a escolha de fontes, tanto nas capas como no miolo.

3.6 QUE CONHECIMENTOS PRESUMIDAMENTE DA ÁREA DE DESIGN FORAM NECESSÁRIOS E NÃO FORAM ESTUDADOS NO CURSO?

A organização de arquivos digitais foi algo que poderia ter sido discutido no curso, mas não foi e precisei lidar com essas questões no estágio. Desde organização dentro dos arquivos, como preparar o arquivo editável para que outras pessoas trabalhem nele, até como organizar pastas e salvar backups. Coisas muito importantes como formatos de arquivos para backup, quais arquivos salvar, fazer cópia na nuvem ou mídia física, como economizar espaço de armazenamento, etc.

3.7 EM ESCALA DE 0 A 10, QUE VALOR RESUMIRIA, NA SUA OPINIÃO, A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO PARA SUA FORMAÇÃO?

10. Foi de extrema importância ter realizado estágio dentro de uma editora. Como pretendo trabalhar tipografia para texto no meu Projeto de Conclusão de Curso (PCC), fazer o projeto gráfico do miolo de livros foi experimentar como é selecionar e trabalhar com fontes. Acredito que o estágio requisitou conhecimentos do curso e me preparou para a realização do meu PCC.

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO CURRICULAR

BLOCO 4

Carta de Avaliação de Estágio - Supervisor / Empresa Concedente

Nome da Empresa Concedente: Daniel Germer Rolim de Moura ME
 Estagiário: Eduardo Cozom
 Área do Estágio: Setor de Produção de Livros
 Período de realização do estágio: 15/2/2019 a 15/7/2019
 Supervisor de Estágio: Nelson Rolim de Moura
 Contato do Supervisor de Estágio (fone/e-mail): 48 3334-2729 rolim@ensulac.com.br

1. Iniciativa e auto-determinação: proposta e/ou apresentação de ações independentes de solicitações:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2. Qualidade das tarefas: organização, clareza e precisão no desenvolvimento das atividades conforme padrões estabelecidos pela empresa:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
3. Criatividade: capacidade de sugerir, projetar e executar modificações ou novas propostas:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
4. Dinamismo: Agilidade frente às situações apresentadas:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
5. Resiliência: Capacidade de adequar o comportamento/conduta a circunstâncias adversas ou mudanças:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
6. Interesse: Envolvimento na solução de problemas, disposição na busca de alternativas e conhecimentos para a execução de tarefas propostas:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
7. Relacionamento interpessoal: facilidade de relacionamento/comunicação com os demais componentes da equipe de trabalho.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
8. Cooperação: pré-disposição à colaborar com a equipe na resolução de tarefas:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
9. Disciplina e responsabilidade: comprometimento com horários, prazos, cumprimento de regras e normas da empresa:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
10. resultado: rendimento apresentado em relação às atividades solicitadas ao desenvolvimento:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Média	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Outras Considerações: Estabeleceu-se entre este supervisor e o estagiário Eduardo Cozom uma constante e intensa troca de conhecimentos, aproximando teoria acadêmica e a prática produtiva. Observa-se que a empresa tem um sistema bastante definido na execução de sua produção editorial que, a propósito da criação de novos espaços interativos, tornou-se mais aperfeiçoado às demandas do mercado.

Flouracielis 15/6/2019

Cidade

Data

Assinatura do supervisor/concedente.

Carta de Avaliação de Estágio - Professor Orientador/Avaliador

Estagiário: Eduardo Cazon
 Nome do Prof. Orientador/Avaliador: Mary Meurer
 E-mail do Prof. Orientador/Avaliador: mary-meurer@ufsc.br
 Data da entrega do Relatório para a avaliação: 27/06/19

Para a auxiliar a avaliação

Esta carta deve ser preenchida pelo(a) Prof.(a) Orientador(a) a partir da disponibilização do Relatório Final de Estágio pelo(a) aluno(a) orientado(a). Os itens abaixo dizem respeito aos quesitos padrões deste documento. Para auxiliar na avaliação, o(a) Prof.(a) Orientador(a) pode encontrar recomendações e um modelo de relatório padrão no seguinte link, na aba "Manual do Prof. Orientador":

<http://estagiodesign.paginas.ufsc.br>

1. Relatório - Conteúdo: Preenchimento adequado das seções do relatório, ortografia, organização textual e gráfica.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
										X
2. Relatório - Projetos: Apresentação adequada das imagens dos projetos desenvolvidos.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
										X
3. Conhecimento aplicado: A demonstração do uso de conhecimentos técnicos e práticos adequados no desenvolvimento dos projetos.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
										X
4. Objetivos Alcançados: Se o aluno cumpriu, do ponto de vista acadêmico e profissional, objetivos propostos pelos projetos desenvolvidos.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
										X
5. Prazo: Entrega do relatório com o prazo mínimo de uma semana para a avaliação.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
										X
Média	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
										X

Outras Considerações: _____

Flora Leopoldis
Cidade

08/07/19
Data

Mary Meurer
Assinatura do Prof. Orientador de Estágio Obrigatório



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**RELATÓRIO FINAL
DE ESTÁGIO CURRICULAR**

DESIGN

Eduardo Cazon
Daniel Germer Rolim de Moura
14.901.082/0001-50